TEXTUALIDADE E MEMÓRIA
PERMANÊNCIA, ROTURA, CONTROVÉRSIA

EDIÇÃO
JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: ***Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia***

Edição: John Greenfield, Francisco Topa
Comissão editorial: John Greenfield (U. Porto / Coordenador), Francisco Topa (U. Porto),
Ingrid Kasten (F.U. Berlin), Laura Auteri (U. Palermo), Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (U.F. Góias)
Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt
Paginação: Carlos Gonçalves | www. carlosgoncalves.net
Imagem da capa: Fuselog – Gabinete de Design, Lda.
Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt
Depósito legal: 454106/19
ISBN: 978-989-8351-96-8
DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8351-96-8/tex
Porto, dezembro de 2018
Produção: www.decadadaspalavras.com
Impressão e acabamento: Clássica, Artes Gráficas. Porto.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 — Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

A ESCRITA E O OLHAR: TEXTUALIDADE E MEMÓRIA NO *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO

PIERO CECCUCCI*

desesperada, deixou-se cair no chão sujíssimo, empapado de lama negra, e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães rodearam-na, […] *um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele.*

Ensaio sobre a cegueira

Numa entrevista de junho de 2008, Saramago afirmava:

> *Gostaria de ser recordado como o escritor que criou a personagem do cão das lágrimas* [Ensaio sobre a Cegueira]. *É um dos momentos mais belos que fiz até hoje enquanto escritor. Se no futuro puder ser recordado como «aquele tipo que fez aquela coisa do cão que bebeu as lágrimas da mulher», ficarei contente. Se alguém procurar naquilo que eu tenho escrito uma certa mensagem, atrevo-me pela primeira vez a dizer que essa mensagem está aí. A compaixão dessa mulher que tenta salvar o grupo em que está o seu marido é equivalente à compaixão daquele cão que se aproxima de um ser humano em desespero e que, não podendo fazer mais nada, lhe bebe as lágrimas*[1].

* Università degli Studi di Firenze.

[1] SARAMAGO, 2008: 6.

Creio que a citação, colocada em epígrafe, glosada pelas próprias palavras de Saramago, acima referidas, acaba — *maxima auctoritate* — por encenar *tout d'abord* um dos nós centrais do discurso narrativo do escritor português, desaparecido há poucos anos, em torno do qual se enredam e se enovelam, sem solução de continuidade, a partir dos primeiros romances, todos os outros elementos discursivos que constituem o seu código ideológico e de representação.

Pretendo fazer referência direta ao olhar alheado com que, em *Ensaio sobre a cegueira*[2], o Nosso Autor envolve com amargo desencanto, até ao pessimismo e ao ceticismo — sem que contudo jamais lhe falte a sua «(com)paixão solidária» para com *o outro* — a realidade humana no seu agir e relacionar-se com um mundo, entendido enquanto organização de sociedade civil, na qual ele não se reconhece. Um olhar preocupado, que o levará a dizer, pouco depois, com duras inflexões quase de tipo nihilista: «O mundo é um inferno. Não é preciso que nos ameacem com outro inferno, porque já lá estamos dentro»[3]; um olhar «ao avesso», portanto, um modo de olhar diferente e oblíquo, propenso a perscrutar a verdade velada e escondida que incansavelmente atravessa e invade toda a sua obra e que subentende uma visão objetivada[4], de natureza quase ontológica, de mal no mundo.

Escreve Eduardo Lourenço:

> *Se nem sempre os 'heróis' são assunções claras e muito menos lineares do Bem* […], *fora deles fica o Mal, un mal objectivado na e pela História* […]. *Esse Mal objectivado, onde de uma forma sensível a humanidade vive as experiências desumanas, ou anti-humanas por excelência, da injustiça, da opressão, do arbítrio, da prepotência, geradoras do horror e da crueldade, podem ser, por exemplo, a Inquisição, o Poder, a Sociedade ou, mais latamente, a História*[5].

E, para esclarecer melhor o seu pensamento, afirma:

> *Todavia, na esfera fundadora do propriamente humano, se primazia existe, deve ser conferida à Ética. Não como «ciência do Bem e do Mal» de tão terrífico eco, no texto bíblico e no texto da aventura humana, mas como Enigma incontornável e inesgotável, enigma que devemos decifrar para aceder à condição humana, mas decifrar por uma escolha que nos inventa no acto de escolher e em si mesma permanece indecifrável. Aparentemente, as grandiosas fábulas romanescas de José Saramago — que no conjunto constituem uma saga — não giram em volta deste*

[2] SARAMAGO, 1995a.
[3] SARAMAGO, 2008: 6.
[4] LOURENÇO, 1993-1994: 128.
[5] LOURENÇO, 1993-1994: 128.

> *enigma que tem no Bem e no Mal, ou antes na questão mesma de separar ou de não confundir um com o outro, a sua matéria. A sua ficção não é, em sentido próprio, como a de Cervantes ou de Dostoievski, de ordem ética, mas moral. Se tivermos em conta a intenção da fábula, facilmente nos damos conta de que o universo de José Saramago se situa na linha dos nossos grandes moralistas do século XVII e numa tradição ficcional próxima do paradigma, glorioso e vivo na nossa Península, do romance de cavalaria*[6].

Em *Ensaio sobre a cegueira*, até aos ultimíssimos romances, num crescendo intenso de tons angustiados, o mal não aparece já unicamente considerado, como nos primeiros trabalhos, como consequência de uma organização social injusta e perversa, mas também, sobretudo, como relacionado com a própria natureza do homem, imperfeita e tendencialmente corrupta. O indivíduo, enquanto a sua razão é aniquilada pelos acontecimentos e tomam negativamente a vitória de obscuros instintos, inatos, deixa de ser o *homo socius*, o *homo faber*, artífice de civilização e de cultura, de progresso, afinal, para se transformar, fechando-se em si mesmo, no seu egoísmo e na sua mesquinhez, em *homo malus*, em *homo homini lupus*.

Diz o narrador:

> *A consciência moral, que tantos insensatos têm ofendido e muito mais renegado, é coisa que existe e existiu sempre, não foi uma invenção dos filósofos do Quaternário, quando a alma mal passava ainda de um projecto confuso. Com o andar dos tempos, mais as actividades da convivência e as trocas genéticas, acabámos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca*[7].

Aqueles olhos que, como «espelhos virados para dentro», desenham configurações narrativas em que se revela a presença enunciativa do eu narrante que comenta e intervém — muitas vezes com ironia *serieuse* — sobre a diegese, dizem de um olhar de não aceitação do mal que invade a existência das humanas gentes e que, na denúncia do qual, vem procurar e solicitar a cumplicidade do leitor. Com este, realmente, institui e modela formas solidárias de (com)paixão e de *pietas* que se entrelaçam na malha da textualidade discursiva, fazendo do narrado no seu complexo uma mensagem não sobre a vista ou sobre a sua ausência, mas sobre a possibilidade ou não de constituição

[6] LOURENÇO, 1993-1994: 127-128.
[7] SARAMAGO, 1995a: 26.

das imagens, que permitem na comum visão do mundo, um terreno de entendimento e de intenções entre narrador e leitor.

Do mesmo modo, Saramago no *Ensaio sobre a Cegueira* — como de resto em todos os outros romances, com os quais estabelece um denso diálogo intratextual e, em última análise contra todas as aparências, um inegável *continuum* narrativo — consegue mobilizar a consciência do leitor que, convocado para um papel extremamente ativo, qual ideal «coautor», no ponto de vista avivado e adotado, torna-se (cor)responsável da «verdade» reflexa e encontra a justa solicitação para pôr em campo um olhar também alienado da realidade, uma leitura ao avesso do mundo fenoménico; uma «crítica violenta ao *status quo* e à responsabilidade dos que passivamente o aceitam»[8], daqueles, enfim, que são «cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem»[9]. Palavras, estas, que põe na boca do médico, quando este afirma «Queres que te diga o que penso […], Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem»[10].

Trata-se, como lucidamente sublinha Beatriz Berrini, uma das mais atentas estudiosas saramaguianas, do «princípio de inversão»[11], que se explicita num ponto de vista diferente que se apoia na «*lei da leitura invertida do real*, ou simplesmente, *da inversão*»[12], e que no plano da escrita e do discurso textual incentiva o leitor a uma «permanente subversão perante o real, de modo de vê-lo e interpretá-lo como se fosse a primeira vez»[13].

Em Saramago, esta não é uma atitude inédita e que, como acima referi, acaba por se colocar como código escritural já iniciada no *Manual de pintura e caligrafia* (1977) e que encontra desde logo, na revisitação da História a partir dos romances posteriores[14], o momento de mais intensa e profunda reflexão.

A este propósito, sem entrarmos em divagações, não compatíveis aliás com a economia dos espaços de tempo concedidos, não podemos deixar de recordar que é exatamente em relação às vivências humanas, passadas e presentes, que ele dirige o seu olhar inquiridor mais crítico e eleva a sua voz fora do coro, para salientar o não visto e o não dito, recordar os excluídos, recuperar-lhes a dignidade de homens, reposicionar como ato de justiça os seus esforços e o seu sofrimento, a sua dignidade, no centro do caminho *in progress*, não sempre linear e direto, muitas vezes caótico, que a humanidade muitas vezes à deriva — como na presente época e como nos dizem a *Cegueira* e os

[8] SEIXO, 1996: 197.
[9] SARAMAGO, 1995a: 310.
[10] SARAMAGO, 1995a: 310.
[11] BERRINI, 1998: 95.
[12] BERRINI, 1998: 93.
[13] BERRINI, 1998: 95-96.
[14] Refiro-me de modo especial a *Levantado do Chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *O Cerco de Lisboa* (1989) e, em certos aspetos, também a *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991).

seus últimos romances — é chamada a cumprir, movida por uma obscura fatalidade para também um obscuro destino.

No entanto, é o presente que, questionado sobretudo nos últimos escritos com insistência — quase com obsessão —, o nosso escritor nos deixou em herança, e como testemunho preocupado.

Os Anos Noventa do século passado, com as suas terríveis mutações da época, a sua carga de ódio — pensemos, para nos limitarmos a um só, trágico exemplo, às inauditas e devastadoras vivências das guerras fratricidas nos Balcãs — espalharam no primeiro decénio do novo século, a que ele pode assistir com cada vez mais desânimo ondas de intolerância e de medos, gerando assustadores céus plúmbeos de terrorismo, insanos conflitos, desequilíbrios económicos e perversas formas de globalização, que são chamadas a pagar, hoje como sempre, as classes mais fracas e mais desprotegidas.

É este presente que nos atinge e nos põe o coração em pânico, a que Saramago certamente não pode permanecer insensível. Sobre a História sempre lançou e, nos seus últimos livros sempre continuou a lançar, o seu olhar inquieto e não conformado. Mas é ainda no extremo, dorido tempo da sua vida, que parece inquietá-lo, que não lhe dá tréguas, que — não obstante a grave, fatal doença que o atingiu — o incentiva, mesmo na fraqueza do seu corpo, a fazer ouvir forte e cheia de indignação, vibrante de paixão cívica, ou melhor, de acesa 'compaixão solidária', a sua voz de não resignação, que poderemos sintetizar com o dito evangélico: «Et si omnes… ego nunquam»[15], quer dizer parafraseando, mesmo que todos se calassem, eu nunca (o faria).

Todavia, o presente que não constitui, como é óbvio, um hiato, uma fratura com o passado, mas, pelo contrário, como o narrador confirma repetidamente, é dele uma continuação e uma continuidade. Somos, afinal, nós todos que vivemos a contemporaneidade,

> *herdeiros do tempo, somos herdeiros de culturas, somos, para usar outra vez um símile que algumas vezes empreguei, uma parte de um mar. O mar está ali, há uma onda que caminha em direcção à praia, que não poderia mover-se sem o mar que está por trás, e sobre essa onda que vem rolando há uma pequena franja de espuma que avança para a praia, onde irá acabar. Penso que somos a espuma que é transportada na onda, que essa onda é ela própria impelida pelo mar, que o mar é o Tempo, todo o tempo que ficou para trás, todo o tempo vivido, que nos transporta e nos empurra. Vivemos uma apoteose de luz e de cor na comunicação entre o espaço e o lugar onde o mar está, e somos essa espuma branca, brilhante, cintilante, que tem uma vida breve, uma breve cintilação. Isto pode fazer de mim alguém a quem a História preocupa, e é certo, a quem a relação com o tempo passado preocupa,*

[15] Mt, 26: 33.

e é certo. Mas também é certo, isso tem sido menos apontado, que há uma outra preocupação minha que nada tem que ver com o passado, e que é o destino da onda que vai derramar-se e acabar na praia[16].

Creio que esta rápida citação, fulgurante na mensagem que transmite, poderá esclarecer melhor do que qualquer hermeneuse, ainda que sabiamente aplicada, o sentido do olhar alheado saramaguiano sobre o presente que atravessa toda a textualidade de *Cegueira* para se derramar, como onda na praia, em todos os textos posteriores, tornando perspícua e correta a sua leitura.

Aqueles espelhos virados para dentro, de que nos fala Saramago, à luz de quanto se revela no excerto apresentado, adquirem agora pleno significado ideológico, que vem conferir lúcida e sapiente referência a todo o seu *corpus* narrativo que, agora que nos deixou, adquire um significado e um brilho particulares e falará por décadas vindouras ao intelecto das futuras gerações.

De resto, isto quer sublinhar uma textualidade de memória e de testemunho que, como ele acrescenta na sugestiva e plena metáfora da estátua e da pedra, se espraia ao longo das páginas da *Cegueira* e, como acima referido, circula incansavelmente em todos os textos do último período da sua produção.

Ele próprio nos recorda:

Quando acabei o Evangelho não sabia que andara a descrever uma estátua […] *a parte da superfície da pedra, a estátua é só a superfície da pedra, é o resultado daquilo que foi retirado da pedra, a estátua é o que ficou depois do trabalho de retirar pedra à pedra] quando acabei o Evangelho (dizia) tive de perceber o que acontecia quando deixava a descrição duma superfície passava para o interior da pedra. E isso só pude com o Ensaio sobre a Cegueira. Aí foi quando compreendi que alguma coisa tinha terminado na minha vida de escritor e que alguma coisa tinha começado.*

[…] *Eu creio que tal como na nossa vida se passam acontecimentos de todo o tipo, também a expressão daquilo que sentimos e daquilo que pensamos, que pode tomar uma expressão qualquer, é o modo de fazer passar para o lado de fora as nossas esperanças, as nossas certezas, as nossas dúvidas, as nossas preocupações. E a minha preocupação neste momento* […] *é o ser humano, é o ser humano que realmente me interessa.*

[…] *Então aquilo que a Cegueira propõe não é já a descrição da estátua, é mais uma tentativa de entrar na pedra que é como quem diz, uma tentativa de entrar no mais profundo de nós*[17].

---

[16] SARAMAGO, 1999: 33, 35.
[17] SARAMAGO, 1999: 73, 75, 77.

Pois bem, a essa tentativa conforma-se toda a escrita, conferindo significação plena e persuasiva a uma textualidade, em que verdadeira e pervasivamente, mais que nunca, a «presença enunciativa e normalmente discursiva sem carácter diegético»[18] no texto do nosso autor, se torna código narrativo eloquente e permanente.

Trata-se, em suma, de uma textualidade, em que é possível focar, como diz mais uma vez Maria Alzira Seixo, o «predomínio do comentário, de tonalidade jocosa ou sibilina, de jeito reprovador ou apreciativo […] discursiva, pós-moderna»[19]; em conclusão, de rutura com os modelos modernistas que acaba por gerar uma forte, inevitável cumplicidade entre o narrador e o leitor, que evidentemente os coloca numa posição narrativa privilegiada.

Os dois, narrador e leitor, agora revelam e traduzem um olhar «de avesso», que já não veicula uma mensagem de tolerância e de irónica compreensão para com a fragilidade moral do homem, mas uma análise inequívoca sobre a origem do mal que, corrigindo o delineamento anterior, subtende, com amargo realismo nas palavras de Eduardo Lourenço, uma visão desoladamente pessimista, sendo ontologicamente próprio da natureza do homem, quando prevalecem nele egoísmos maus, ferinos[20].

Justamente, como o próprio autor esclarece:

> *No fundo, o que a Cegueira quer dizer é, precisamente, que todos nós somos cegos da Razão* […]. *A nossa razão não é usada racionalmente. Mas como qualquer coisa que está entre o racional e o irracional. Como arracionais. Não sei se esta palavra existe, mas quero introduzir esta categoria*[21].

Tendo já sublinhado anteriormente, com uma veia de desolado pessimismo:

> *ao fim de séculos de civilizações estamos perto da barbárie. Apesar da beleza e do pensamento, a tentação da barbárie. Não é preciso ir aos campos nazis ou ao «gulag», a barbárie está aí, no Ruanda, na ex-Jugoslávia… Todos os horrores que descrevo e que deixarão o leitor desconcertado* […] *estão neste momento a acontecer, no prédio ao lado, na rua ao lado, em qualquer lugar. Roubos, violações, mortos, são o pão nosso de cada dia*[22].

---

[18] *Vd.* sobre este assunto o ensaio Maria Alzira Seixo, em que ela ilustra com a reconhecida acribologia crítica os novos caminhos textuais saramaguianos, empreendidos com a *Cegueira*.
[19] SEIXO, 1996: 191-192.
[20] LOURENÇO, 1993-1994: 128.
[21] SARAMAGO, 1995c: 16.
[22] SARAMAGO, 1995b: 82.

Seria fácil hoje dizer, à laia de conclusão, e à luz dos crimes atrozes contra a humanidade e a civilização destes nossos últimos tempos, ou melhor, destas últimas semanas no Médio Oriente, que ele tinha visto justo e com muita antecedência o que teria acontecido, quando o homem se abandona à sua feridade.

Por isso, hoje nos falta a sua voz de reprovação e de denúncia contra a injustiça e o mal que nos cerca por todos os lados. Sobretudo falta a sua figura humana de intelectual comprometido, sempre generosamente pronto a defender os mais fracos.

Restam, porém, os seus escritos, sempre atuais, sempre extraordinariamente em dia, que nos acompanham nestes dias pesados e tragicamente tristes, embora, para nós, que o conhecemos e amámos, continue através da memória das palavras, que nos deixou, a encher os nossos corações, cientes de que nada podemos contra o Mal, categoria ontológica difícil se não impossível de suprimir. Assim, como diz a metáfora evocada por Saramago, acabaremos todos como espuma da onda do mar com o espraiar sobre a praia e acabará o nosso tempo.

Ou, como, desconsoladamente, poderia glosar o nosso amado Pessoa:
Por sobre o verdor turvo do amplo rio
Os circumflexos brancos das gaivotas…
Por sobre a alma o adejar inutil
Do que não foi, nem pode ser, e é tudo[23].

BIBLIOGRAFIA

BERRINI, Beatriz (1998) — *Ler Saramago: o romance*. Lisboa: Editorial Caminho.

LOURENÇO, Eduardo (1993/1994) — *Saramago um 'teólogo' no fio da navalha*. «Espacio/Espaço Escrito», 9 y 10 (Invierno).

PESSOA, Fernando (2000) — *Há doenças peores*. In *Poemas de Fernando Pessoa*. Edição de Luís Prista. Lisboa: IN CM.

SARAMAGO, José (1995a) — *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Editorial Caminho.

____ (1995b) — *José Saramago: Todos os pecados do Mundo*. Entrevista de Clara Ferreira Alves. «Expresso», 28/10.

____ (1995c) — *José Saramago: o escritor vidente*. Entrevista de Maria Leonor Nunes. «Jornal de Letras, Artes e Ideias», n.º 653 (25 out.), p. 16.

____ (1999) — *A Estatua e a Pedra*. Org. de Giancarlo De Pretis. Torino: Ed. Dell'Orso.

____ (2008) — *Não sou um exemplo do que é viver neste mundo*. Entrevista a Maria José Oliveira. «Público», (15 jun.), p. 6.

SEIXO, Maria Alzira (1996) — *Os espelhos virados para dentro. Configurações narrativas do espaço e do imaginário em* Ensaio sobre a Cegueira. In *José Saramago: il bagaglio dello scrittore*. A cura di Giulia Lanciani. Roma: Bulzoni Editore.

[23] PESSOA, 2000: 250.